

Da centralidade do valor: uma introdução à obra de Moishe Postone

ZAIRA RODRIGUES VIEIRA*

Marx est-il devenu muet? reúne três textos de Postone que foram traduzidos para o francês, dos quais os dois primeiros são objeto maior de nosso interesse, na medida em que, a despeito da aparente caducidade de toda crítica do capitalismo hoje, propõem uma releitura da obra de Marx, partindo da perspectiva central da temática do trabalho.

As grandes mudanças pelas quais passou a história recente, o colapso tanto do Estado keynesiano a oeste, quanto do Estado stalinista a leste, as transformações no sentido de uma nova ordem capitalista mundial e, a despeito destas mudanças, a permanência da dinâmica que subjaz ao capitalismo, tal cenário colocaria em causa as interpretações pós-estruturalistas

da história. Estas transformações indicariam a necessidade tanto de um retorno da discussão sobre a dinâmica histórica e as mudanças estruturais em grande escala, quanto de uma “reconceitualização da crítica da economia política de Marx”. A partir de uma releitura da obra madura de Marx, Postone pretende se distanciar, entretanto, das críticas marxistas tradicionais, ou seja, das análises do capitalismo feitas em termos de relações de classe, com base na propriedade e nas relações de mercado, “o que faz com que o socialismo seja principalmente visto como uma sociedade caracterizada pela propriedade coletiva dos meios de produção e pela planificação centralizada em um contexto industrializado”¹. Em sua perspectiva, o socialismo não poderia jamais ser identificado com planificação e propriedade estatais.

* Doutoranda em filosofia na Université de Paris X – Nanterre.

¹ Moishe Postone. *Marx est-il devenu muet?* Paris: Aube, 2003, p. 22.

O argumento central desta releitura de Marx é o de que o capitalismo é caracterizado por ser uma forma social cuja mediação – o trabalho – se constitui como algo objetivo, com uma lógica própria, à qual encontram-se submetidos todos os atores, independentemente da classe social em que se inscrevem. Algo importante relevado por ele, e que podemos efetivamente encontrar na obra madura de Marx², é o fato de que, no capitalismo, o trabalho substitui as relações sociais presentes em outras sociedades. Na sociedade moderna, o trabalho é um meio “quasi objetivo” pelo qual se adquire o produto dos outros. Diferentemente de outras sociedades em que as relações sociais diretas ou “manifestas” é que definiam e distribuíam o significado do trabalho, “sob o capitalismo, o trabalho tem um significado definido, distribuído e dado por estruturas (mercadoria, capital) constituídas pelo próprio trabalho. Significa que, no capitalismo, o trabalho constitui uma forma de relação social que possui um caráter quasi objetivo, aparentemente não social, impessoal, o qual engloba, transforma e, até certo ponto, corrói e supera os laços sociais e as relações de poder tradicionais”³.

Desta forma, o autor chega ao ponto de explicar algo fundamental para ele e que, a nosso ver, entretanto, é bas-

tante polêmico: no Marx maduro, a idéia de que o trabalho é central na vida social não seria uma idéia ou proposição trans-histórica. Ela não teria, para Marx, o significado de que a produção material seja a dimensão mais essencial da vida social. Tal idéia remeteria única e exclusivamente ao significado desta atividade no capitalismo. É preciso esclarecer que, para Postone, as obras de maturidade de Marx se distinguem daquelas da juventude pelo fato de que a estas subjazeria uma lógica dialética sustentando a história, o que não seria o caso das análises historicamente focadas da maturidade.

Voltemos, porém, ao argumento central do autor que, a nosso ver, independe da correção ou não desta sua tese mais geral sobre a obra de Marx. O caráter abstrato da mediação social subjacente ao capitalismo se exprime, fundamentalmente, na forma valor. Trata-se de frisar a especificidade do valor enquanto forma de riqueza, o fato de que não se trata, aqui, apenas da “riqueza-trabalho”, do aspecto material da riqueza, como muitas vezes teria sido entendida a teoria do valor de Marx, mas de uma forma específica de mediação social. Em suas palavras,

Marx distinguiu explicitamente valor e riqueza material (...). En-

² Cf. Zaira R. Vieira, “Atividade Sensível e Emancipação Humana nos *Grundrisse*”. Belo Horizonte, UFMG, 2004, dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia, p. 56, onde tratamos deste assunto a partir de várias passagens de Marx nos *Grundrisse*.

³ Moishe Postone, op. cit., p. 26.

quanto a riqueza material (quando ela é a forma dominante de riqueza) é mediaticada por relações sociais não disfarçadas, o valor é uma forma auto-mediaticadora de riqueza. A teoria do valor de Marx permite uma análise do capital enquanto forma socialmente constituída de mediação e de riqueza cuja característica primeira é uma tendência à expansão ilimitada. Aspecto extremamente importante desta tentativa de especificar e de fundar a dinâmica da sociedade moderna: o acento sobre a temporalidade (...). Enquanto forma abstrata de riqueza, o valor se funda sobre uma medida abstrata: o dispêndio socialmente médio, ou necessário, de tempo de trabalho⁴.

Medida, esta, que se expressa em normas resultantes das ações dos produtores e às quais eles devem se conformar. É este o tipo de coerção abstrata inerente ao capitalismo: a adequação às normas temporais.

O autor demonstra, assim, sua tese de que a forma de dominação exposta por Marx em *O Capital* não pode ser entendida em termos de dominação de classe ou de grupos sociais, mas que se trata de um tipo de "sistema objetivo" que determina sempre mais os objetivos e os meios da atividade humana. Em outros termos, uma forma de do-

minação social "que submete os indivíduos a imperativos e coações estruturais mais e mais racionalizados e impessoais. É a dominação dos indivíduos pelo tempo"⁵.

Postone expõe, ainda, de maneira sintética, alguns traços desta forma de mediação social procurando mostrar que se trata não de uma mediação estática, mas de um processo que, ao mesmo tempo que põe certo desenvolvimento contínuo, reproduz também sua própria base, qual seja, o trabalho vivo como sua condição intrínseca. Não há, neste sentido, um desenvolvimento linear do capitalismo. Por outro lado, entretanto, a contradição social estruturalmente fundada é específica a este modo de produção, não havendo lugar, nesta análise de Marx, para se pensar numa dialética ou contraditoriedade intrínseca à realidade social em geral.

Em síntese, a reinterpretação proposta, bastante pertinente para os tempos atuais, quer fundamentalmente sublinhar que a teoria de Marx vai muito além da crítica das relações de distribuição e que, na verdade, ela apreende a sociedade moderna principalmente em termos de "estruturas abstratas de dominação, de fragmentação crescente do trabalho individual e da existência individual e de uma lógica de desenvolvimento cega"⁶.

A nosso ver, este autor apreende bem o fundamental dos textos de ma-

⁴ Tradução minha, pp. 28-29.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 30.

⁶ Idem, *ibidem*, p. 35.

turidade de Marx – restando saber se o mesmo pode ser afirmado em relação àqueles da juventude – e possui o mérito de apresentar brilhantemente a tese da centralidade do valor, tendo em vista toda a polêmica gerada, no século XX, em torno de uma certa ortodoxia marxista sobre o assunto. Fica, entretanto, da leitura destes ensaios, a dúvida quanto ao fundamento desta estrutura abstrata de dominação, que, afinal, em Marx, se encontra na apropriação privada dos meios de produção e que, mesmo na obra madura, é o calcanhar de Aquiles do capital. Em outros termos, estamos de acordo com a tese central de Postone sobre a centralidade da dominação do valor, mas até que ponto, porém, é possível não falar de reapropriação social das condições de produção? Afinal, a propriedade privada é ou não o fundamento último do valor? Por outro lado, é bem verdade que falar em reapropriação social da riqueza, nos termos colocados por Marx, não significa dizer que ela possa ser pensada nos moldes do marxismo tradicional.

No segundo ensaio do livro, Postone busca discernir em *Spectres de Marx* – obra de Derrida, publicada em 1993 – aquilo que poderia contribuir para uma nova teoria social. Nesta sua crítica filosófica pós-heideggeriana, Derrida contesta o triunfo do neo-liberalismo e apresenta a desconstrução como herdeira do “espírito de Marx”. O que é interessante notar, porém, é

que, ao invés de refutar, acaba por incorporar a leitura do marxismo tradicional na medida em que identifica a dimensão do valor de uso com a técnica e a do valor com o mercado. Para Derrida, a crítica de Marx em *O Capital* estaria apoiada sobre a categoria do valor de uso e, portanto, sobre uma visão “ontológica da materialidade, da presença”. Ora, diz o autor dos *espectros*, o valor de uso, a produção e a tecnologia não pertencem apenas ao presente, mas são informados socialmente, “eles não são, na verdade, tão livres dos espectros quanto pode pensá-lo Marx (...). Eles não permitem, portanto, uma teoria emancipatória. Uma teoria emancipatória, ao contrário, não pode ser outra senão aquela que abraça a espectralidade”⁷. Com a categoria de espectralidade, Derrida quer problematizar o caráter de dado e de necessidade do presente, buscando no “espírito” emancipador de Marx a base de uma nova crítica social. Em outros termos, pretende separar de um certo “espírito de Marx” o que ele considera como sendo aspectos ontologizantes e dogmáticos do marxismo. Ao não aprender, porém, a teoria do valor de Marx, Derrida acaba por confundi-lo com o marxismo ortodoxo, como veremos mais à frente.

Por outro lado, também a análise da contemporaneidade de Derrida é insatisfatória. Apesar de sua crítica ao neoliberalismo reivindicar conceitos adequados, pretendendo ir além de uma

⁷ Idem, *ibidem*, p. 55.

crítica meramente textual de Fukuyama e Allan Bloom, sua descrição do presente é feita com categorias inerentes a sua filosofia. Vale ressaltar a crítica de Postone ao quadro das análises em que se insere esta intervenção. *Spectres de Marx*, que se toma como herdeira de Marx, marcaria o término de um período que tem origem no fim dos anos sessenta, quando surge esta tendência crítica a valorizar a importância “da contingência, da resistência, da cultura e da esfera política não burocrático-estatal. No melhor dos casos, elas trataram de forma marginal os problemas da dinâmica contínua do capitalismo e de suas consequências sociais e políticas”⁸. As condições de existência desta crítica pós-fordista teriam sido alteradas a partir de 1989 e tornado, hoje, anacrônica esta problemática dos anos 60. *Spectres de Marx* teria contribuído para tornar patente que uma abordagem direta da problemática do capitalismo em sua globalidade é necessária – mesmo se, enquanto tal, a proposta de Derrida se mostre demasiadamente indeterminada social e historicamente.

Malgrado estes limites, Postone encontra aí uma série de pontos comuns com sua perspectiva. Vale destacar aquele de um confronto com toda forma de compreensão transhistórica da história, seja ela hegeliana ou o que ele chama de “marxista tradicional”. Como Postone, Derrida se oporia, também, ao conceito de totalidade e de processos de

homogeneização, mesmo se acaba por assimilar Marx a Hegel na medida em que todo conceito de dinâmica histórica orientada é, para ele, teleológico e “presentista”. Por este motivo, Derrida opõe ao conceito de história o de “evento” (*événementialité*), reanimando, assim, a antinomia clássica entre necessidade e liberdade.

A crítica de Postone é importante porque acentua que é precisamente a compreensão da dinâmica do capital enquanto reificação real que lhe teria permitido superar a oposição clássica entre necessidade e acaso. A análise de Marx mostra a existência simultânea, na sociedade moderna, de um processo que produz uma renovação contínua, com base em normas temporais objetivas, como, também, daquele, intrinsecamente contraditório, da base viva que o sustenta. As determinações universais da sociabilidade moderna encontram-se cindidas em relação às singulares, mas nunca numa contraposição estática, como na concepção de Proudhon e como parece entender, também, Derrida. Ao contrário, em toda crítica que faz, tanto das concepções do socialismo utópico, quanto daquelas da economia política, Marx quer mostrar justamente o caráter dinâmico e histórico destas determinações. Diferentemente do que pensa Proudhon, o dinheiro não se contrapõe às mercadorias singulares. Como mostram os *Grundrisse* e *O Capital*, é de necessidades engendradas pela

⁸ Idem, *ibidem*, p. 56.

produção que tem origem o dinheiro e não o contrário: “Não é o dinheiro que suscita estas oposições e estas contradições mas, ao contrário, é o desenvolvimento destas contradições e destas oposições que suscita o poder aparentemente transcendental do dinheiro”⁹. A forma universal ou valor de troca é a mercadoria enquanto relação social, são suas propriedades sociais, não naturais. Tem razão, portanto, Postone em afirmar que a postura de Marx é exatamente oposta àquela do “presentismo” atribuído por Derrida. Ao criticar este último autor, ele lança, a nosso ver, em boas bases o ponto de partida da perspectiva que deve emergir neste século, qual seja, uma compreensão de Marx para além das problemáticas do século XX. Problemáticas que, por diversas razões, acabaram por

ofuscar, mas não aniquilaram a riqueza e a complexidade de seus escritos.

Encerraríamos nosso comentário – que esperamos possa servir de estímulo à leitura de *Time, Labor, and Social Domination*, onde Postone aprofunda estas questões – com uma passagem que resume o que nos parece fundamental na perspectiva de uma boa compreensão da obra de Marx: “O que, para Marx, caracteriza o mundo capitalista moderno é que o trabalho não mediatiza apenas as relações sujeito/objeto do homem e da natureza, mas, também, as relações entre os homens. Isto confere uma qualidade abstrata particular às relações sociais modernas e às formas de dominação que afinal constroem e modelam a vida social moderna”¹⁰.

⁹ Karl Marx., *Manuscrit de 1857-1858* (“Grundrisse”). Paris, Éditions Sociales, 1980, tomo I, p. 81.

¹⁰ Moishe Postone, op. cit., p. 72.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. Da centralidade do valor: uma introdução à obra de Moishe Postone. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.25, 2007, p.103-108.

Palavras-chave: Capitalismo; Marx; Trabalho.